

# O DISCURSO RELIGIOSO COMO LEGITIMAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS: UMA LEITURA A PARTIR DE PIERRE BOURDIEU

VALÉRIA MARIA SANTANA OLIVEIRA\*

## 1 INTRODUÇÃO

Aracaju em meados da década de 1920 experimentava um período de estruturação política, administrativa e econômica com o surgimento das primeiras indústrias. Neste momento intensifica-se na capital o processo imigratório e, para a população que não tinha como residir dentro do chamado “Quadrado de Pirro”<sup>1</sup>, a alternativa era estabelecer-se nas regiões periféricas.

É ainda nesta mesma década, mais precisamente em 1926, que é criada a Penitenciária do Estado, em substituição a antiga Cadeia Pública no Bairro América.

Os moradores mais antigos contam que os primeiros habitantes daquela localidade eram familiares de detentos que cumpriam pena no presídio ali localizado, daí o motivo do deslocamento para as proximidades da também chamada Penitenciária Modelo. Muitos destes familiares eram do interior do Estado e até mesmo de estados vizinhos, o que provocou o surgimento de pequenas casas no entorno do presídio, local também conhecido como “Tamanco sem Salto”, nome dado ao local por causa dos atoleiros que se formavam em dias de chuva (MENDONÇA, 1998: 11). Esta região era também conhecida como “Capucho”. Apesar desta denominação não estar associada aos frades capuchinhos – uma vez que estes só chegaram ali em 1961 – a presença destes é sem dúvida um dos aspectos mais relevantes da história do Bairro América, criado em 1947.

Na década de 1960, Aracaju passava por um processo de franco desenvolvimento. Foi neste período que a capital mais cresceu, tendo se tornado uma área de atração do interior de Sergipe e de estados vizinhos, a exemplo de Alagoas e

---

\* Universidade Federal de Sergipe. Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

<sup>1</sup> Esta denominação deve-se ao engenheiro Sebastião José Basílio Pirro que desenvolveu para a nova capital de Sergipe um plano urbanístico moderno em formato de tabuleiro de xadrez, o que diferencia Aracaju das cidades brasileiras de influência portuguesa.

Bahia. As razões das migrações vão das secas à escassez de empregos, fazendo com que estas pessoas fossem residir na periferia das cidades (TELES, 2006).

Com o crescimento demográfico da capital, notadamente de sua zona periférica, os moradores do Bairro América encontravam-se carentes de tudo, inclusive de um melhor atendimento espiritual. Aquela região era predominantemente habitada por uma população pobre, uma vez que o perímetro urbano da capital era marcado pela especulação imobiliária, o que proporcionava um deslocamento da população para os subúrbios da capital (FREITAS, 1999).

Nem Sergipe, a Igreja Católica encontrava-se num momento singular. Em 30 de abril de 1960 foi criada a Província Eclesiástica de Aracaju. A capital foi então elevada a sede Arquiepiscopal e Dom José Vicente Távora tornou-se seu primeiro Arcebispo, com a incumbência de administrar as duas outras dioceses sergipanas (NASCIMENTO, 2008).

“Bispo dos Operários”, “Pai do sindicalismo rural”, são alguns títulos que recebeu Dom Távora pela sua atuação junto a estes segmentos da sociedade. Considerado progressista, desenvolveu um pastoreio marcado por várias inovações na Arquidiocese de Aracaju. No entanto, em consonância com o que ocorria no contexto da América Latina, faltavam sacerdotes para guiar o rebanho de católicos.

No final da década anterior, mais precisamente em 1958, o papa João XXIII convidava padres europeus para “socorrer a Igreja da América Latina” contra “o comunismo, o protestantismo e o espiritismo” (MONTENEGRO, 2010: 139). A presença de clérigos estrangeiros no Brasil tornou-se uma constante, com destaque para os italianos (DELLA CAVA, 1975).

Foi neste contexto que Dom Távora convidou para instalarem-se na capital os frades capuchinhos. Assim sendo, em 7 de março de 1961 chegou a Aracaju o Frei Faustino de Ripatransone e, para auxiliá-lo, o Frei Miguel Ângelo de Cíngoli, ambos italianos.

Os frades passaram então a prestar diversos serviços pastorais, como: confissões; comunhão aos enfermos; serviços no altar ao lado do Arcebispo, entre outros. Serviços estes que tornaram os capuchinhos cada vez mais conhecidos na capital, especialmente entre as famílias tradicionais da cidade que freqüentavam a Catedral Metropolitana.

O então prefeito da cidade, José Conrado de Araújo e o governador do estado Luís Garcia eram simpáticos à presença dos capuchinhos em Aracaju, tendo contribuído nas construções. No caso do prefeito, o mesmo tornou-se amigo dos frades, o que certamente contribuiu para a aproximação entre o gestor público e a causa da construção do templo e do convento. Exemplo disto foi o fato de, por ocasião de uma grande doação de materiais de construção por parte do prefeito, o seguinte registro foi feito:

(...) Foi este o início de uma série infinita de favores, facilitações, e auxílios que os Capuchinhos haveriam de receber por parte do grande e eminente homem público supracitado [José Conrado] que dispensava os benefícios com generosidade e com imensa satisfação<sup>2</sup>.

Além do auxílio de autoridades locais para aquisição do terreno e construção do templo, houve também a participação efetiva da comunidade. Foram diversas campanhas, leilões e rifas para conseguir recursos para a construção do santuário, além dos pedidos que os frades faziam diretamente aos moradores (SANTARELLI, 1978).

Os frades capuchinhos que vieram para Aracaju pertenciam (e assim é até hoje) à Província da Ordem Capuchinha da Bahia e Sergipe, Nossa Senhora da Piedade. Segundo Peccorari (2003) no período de 1937 a 1983, data da criação da nova Província da Ordem Capuchinha da Bahia e Sergipe, foi dada continuidade às Santas Missões, porém as atividades pastorais se ampliaram com a construção de colégios, orfanatos, asilos, escolas agrárias e profissionais e centros de assistência social, a exemplo do centro social criado no Bairro América. Neste sentido, Azzi (2008) afirma que:

No elenco desses atos de benevolência destacam-se dar alimento aos famintos, vestir os nus, visitar os doentes e encarcerados, amparar os velhos e as crianças (AZZI, 2008: 23).

Uma das principais obras deixadas pelos religiosos foi a Escola Santa Rita de Cássia, que funcionava em parceria com a prefeitura de Aracaju. Os frades cediam o espaço físico e a prefeitura fornecia professores e quadro de apoio. Em 2000 a escola passa a ser inteiramente administrada pela secretaria municipal de educação, cabendo aos frades apenas a seção do espaço (SANTOS, 2008).

Para além das obras assistenciais dos capuchinhos, o episódio ainda hoje mais enraizado na memória da população do Bairro América é a história da Fábrica de Cimento.

---

<sup>2</sup> Livro de Tombo da Igreja São Judas Tadeu (1961-2005), p. 05.

A implantação da Companhia de Cimento Portland de Sergipe, em 1967, representou uma esperança de melhorias para os moradores locais, o tão esperado progresso para uma localidade esquecida e marginalizada. Porém isto não se confirmou plenamente, uma vez que a mão-de-obra local não era especializada.

No entanto, o maior de todos os problemas a afetar a população foi a poluição gerada pela fabricação do cimento. Foram anos de denúncias e protestos para que providências fossem tomadas para controle da poluição que tantos males causava à população daquela localidade e bairros vizinhos.

Em 21 de setembro de 1982, uma reunião ocorreu no Convento dos Capuchinhos com diversos setores da sociedade para tratar do problema da poluição. Estiveram presentes: representantes do órgão ambiental do Estado, magistrados, representantes da secretaria de saúde, representantes da Universidade Federal de Sergipe, líderes comunitários e o diretor da própria fábrica de cimento. É importante ressaltar que esta reunião foi convocada pelo pároco, que abriu e encerrou os trabalhos com orações.

Os jornais da época dão conta de que a “desativação” da Fábrica de Cimento foi considerada uma grande vitória do povo. Foi a chamada “luta de Davi contra Goliás”, na qual a analogia com o relato bíblico do menino que derrubou o gigante torna-se símbolo da luta dos pequeninos (o povo) contra o gigante (o Grupo Votorantim). (OLIVEIRA, 2008)

Os problemas relacionados à fábrica adquiriram grande visibilidade por conta da missa celebrada na TV pelo frei Florêncio Peccorari, na qual era dado espaço para que os moradores denunciassem os diversos problemas dos quais eram vítimas. A partir de 2004 as missas passaram a ser transmitidas ao vivo pela emissora de televisão de propriedade do Estado, aos domingos, às 7hs da manhã, da própria paróquia.

Estes aspectos são bastante representativos da desenvoltura com que os frades capuchinhos – naquele momento mais especificamente o vigário Frei Florêncio – transitavam nos mais diversos setores da sociedade, chegando a convocar reuniões nas dependências da própria Igreja para cobrar e dialogar sobre soluções para os problemas relacionados a comunidade. Houtart (2002) explica este papel das religiões no contexto dos movimentos vinculados às relações sociais

Trata-se de corrigir as deficiências e, eventualmente, de denunciar os abusos, mas não de condenar a lógica fundamental do sistema. (...) Frequentemente as religiões desempenham um papel importante nessas iniciativas que têm

origem num sentido profundo e imediato: o sofrimento humano e a resposta que se pode oferecer, não amanhã, mas hoje mesmo (HOUTART, 2002: 123).

Outro problema bastante presente na história do bairro era a questão da violência. O Bairro América sempre teve sua imagem associada ao estigma de bairro violento, por conta da presença da Penitenciária e dos altos índices de criminalidade ali presentes. Exemplos disto são os apelidos que o bairro possuía: Bairro de Cão, Baixada Fluminense, etc.

Neste contexto, poucos meses após assumir como vigário, frei José Raimundo de Oliveira juntamente com algumas autoridades policiais, conseguiram junto ao Governo do Estado a implantação de um Posto de Atendimento ao Cidadão (PAC)<sup>3</sup> no Bairro América. O posto foi instalado em 28 de fevereiro de 1996, num compartimento da própria Igreja São Judas Tadeu. Seu objetivo era, a partir da filosofia do Policiamento Comunitário, encurtar as distâncias entre os policiais e os locais das ocorrências.

Segundo Neves (2007: 119) o pioneirismo do Bairro América foi possível por já existir ali “uma tradição de organização e de participação social, seja através das associações de moradores ou da ação da igreja católica, com sacerdotes ligados à teologia da libertação”.

As iniciativas do frei Raimundo para conscientizar a população do seu papel como parceira da polícia foram constantes. Em seus polêmicos sermões, o frade constantemente conclamava seus paroquianos a colaborar com o trabalho dos policiais. A comunidade respondeu positivamente aos apelos e após a implantação do posto chegou-se ao marco de 550 dias sem homicídios no bairro. A partir do “Posto Embrião” instalado no Bairro América em 29 de fevereiro de 1996 diversos outros se espalharam pela capital. Para dar suporte ao trabalho dos policiais havia o CONSEB, o Conselho de Segurança do Bairro formado por moradores locais. O próprio frei Raimundo chegou a ser presidente do conselho, o que evidencia seu engajamento na luta por segurança no bairro.

---

<sup>3</sup> Para tentar quebrar a resistência que a comunidade possuía em freqüentar uma instalação policial, foi modificada a nomenclatura de Posto Policial Militar para Posto de Atendimento ao Cidadão, ou simplesmente PAC. Essa ideia inovadora obteve grande aceitação tornando-se referência para outras unidades da Federação. (BISPO; FRÓES: 2004)

Em março de 1998 o pároco recebeu a medalha do mérito militar em solenidade presidida pelo secretário de segurança pública, pelas iniciativas em favor da implantação e manutenção da Polícia Comunitária. Em 30 de julho de 1998 foi celebrada uma missa solene em comemoração pelo marco de 500 dias sem homicídios no bairro. Estavam presentes o governador do Estado, o secretário de segurança e o comandante geral da Polícia Militar, o que denota a influência que o vigário possuía junto às autoridades do Estado.

Uma das estratégias utilizadas para mobilizar a população, não só do Bairro América, mas também dos demais bairros foi a promoção de eventos com a parceria entre a paróquia e a polícia. Exemplo disso foi o chamado “Ato público contra a Violência no Brasil”, realizado em 28 de fevereiro de 2002, aniversário de 6 anos da Polícia Comunitária. Este fato se constitui num marco importante dentro do recorte temporal estabelecido para esta pesquisa, por representar o ápice da aliança entre Igreja e Estado na história do bairro, pois se configurou num momento em que as principais autoridades governamentais e policiais estavam presentes juntamente à Igreja, em função de uma iniciativa comum.

Estes fatos são emblemáticos da capacidade de articulação dos frades capuchinhos junto às autoridades do estado de Sergipe, desde a chegada dos primeiros missionários até a atualidade.

Neste sentido, Michel de Certeau teoriza a questão do lugar na história. Certeau (2009) trata da definição de espaços e lugares, colocando que o primeiro se caracteriza pela necessidade de ser vivenciado para caracterizar-se como tal, enquanto que o segundo é a ordem estável onde estas vivências acontecem, ou seja, um lugar (um bairro, por exemplo) se torna espaço na medida em que dentro deste as pessoas estabelecem relações e vivências. Em suma, para Certeau "o espaço é um lugar praticado" (2009: 184).

Considerando que a edificação de um templo, de um convento, de escolas e demais obras sociais se constituem numa demarcação de território, onde os espaços são utilizados em nome de uma religião, há que se considerar que se configuram também em estratégias de ocupação deste espaço. Como explica Silva (2008):

As igrejas são espaços de organização das religiosidades, das maneiras de viver as relações com o divino, e são, também, conjunturas nas sociedades, são adaptações construídas temporalmente (SILVA, 2008: 74).

Recorremos mais uma vez a Certeau (2009), na busca de melhor compreender as estratégias da Igreja Católica em Sergipe, ao convidar frades missionários capuchinhos para a constituição de uma nova paróquia, num bairro marginalizado da cidade. Segundo o autor a estratégia

postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (CERTEAU, 2009: 93).

Segundo Pierre Bourdieu o capital social se refere às redes de relações estabelecidas entre os agentes ou grupos sociais, que desenvolvem laços de sociabilidade com indivíduos representativos dentro de um grupo e para a conformação do grupo.

Os campos, por sua vez, são os espaços em que estas redes de relações sociais constituem uma área específica de atuação de um grupo, podendo dar origem a subcampos, ou seja, divisões internas.

Assim sendo, a partir das análises de Bourdieu, podemos identificar a existência de um campo religioso no qual atuam os frades capuchinhos, e de um campo político, do qual fazem parte as elites locais. Desta forma, os membros destes campos compartilhavam capital social e simbólico, na medida em que ambos os agentes (religiosos e elites) exerciam e/ou exercem grande influência na sociedade.

Ainda de acordo com Bourdieu, todo ato de fala é uma conjuntura, um encontro de séries causais independentes: de um lado, as disposições socialmente modeladas do habitus lingüístico, que indicam certa propensão a falar e dizer coisas determinadas; do outro, as estruturas do mercado lingüístico, que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas.<sup>4</sup>

Segundo o autor é a própria estrutura do campo que rege a expressão, regendo o acesso a ela e à sua forma. Esta censura estrutural funcionaria basicamente de duas formas:

---

<sup>4</sup> Na circulação desse mercado há primeiramente o valor distintivo, que resulta do relacionamento operado pelos locutores, consciente ou inconsciente, entre o produto lingüístico oferecido por um locutor socialmente caracterizado e os produtos simultaneamente propostos num espaço social determinado. Desta forma, o que circula no mercado lingüístico não é a “língua”, mas discursos estilisticamente caracterizados, ao mesmo tempo do lado da produção, na medida em que cada locutor transforma a língua comum num idioleto. (BOURDIEU, 2007)

1. Por intermédio das sanções do campo, agindo como um mercado onde se estabelecem os preços das diferentes modalidades de expressão;

2. Impondo-se a todo produtor de bens simbólicos fazendo com que todos aqueles que ocupam posições dominadas (ou os dominados) estejam condenados ou ao silêncio ou ao palavreado escandaloso. (BOURDIEU, 2008: 132)

Neste sentido, quanto mais os mecanismos responsáveis pela distribuição dos agentes garantirem suas ocupações em posições onde mantenham o discurso compatível com a definição da posição, menor será a necessidade de expor, de explicitar as proibições impostas e sancionadas por uma autoridade institucionalizada.

Assim sendo, explica Bourdieu:

A censura alcança seu mais alto grau de perfeição e invisibilidade quando cada agente não tem mais nada a dizer além daquilo que está objetivamente autorizado a dizer: sequer precisa ser, neste caso, seu próprio censor, pois já se encontra de uma vez por todas censurado, através das formas de percepção e de expressão por ele interiorizadas, e que impõem sua forma a todas as suas expressões. (BOURDIEU, 2008: 132-133)

Todas as práticas lingüísticas encontram sua medida em relação às práticas legítimas, quais sejam, as práticas dos dominantes, sendo no interior do sistema de variantes praticamente concorrentes que se define o valor provável objetivamente conferido às produções lingüísticas dos diferentes locutores e, por conseguinte, a relação que cada um deles pode manter com a língua e, pela mesma razão, com a sua própria produção.

Bourdieu ressalta os usos sociais da língua, que devem seu valor social ao fato de se mostrarem propensos a se organizar em sistemas diferentes, reproduzindo o sistema das diferenças sociais na ordem simbólica.<sup>5</sup> Por intermédio da estrutura do campo lingüístico, enquanto sistema de relações de força propriamente fundadas na distribuição desigual do capital simbólico, a estrutura do espaço dos estilos expressivos reproduz em sua ordem a estrutura dos desvios que separam objetivamente as condições de existência.

Afirma ainda que todo discurso ideológico contém uma violência simbólica. Ela é exercida quando consegue fazer com que seus destinatários tratem tal discurso como ele quer ser tratado. (BOURDIEU, 2008)

---

<sup>5</sup> Segundo Bourdieu, falar é apropriar-se de um e outro dentre os estilos expressivos já constituídos no e pelo uso, objetivamente marcados por sua posição numa hierarquia de estilos que exprime através de sua ordem a hierarquia dos grupos correspondentes. (BOURDIEU, 2008)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, a tese de Bourdieu de que as palavras têm capacidade de reforçar simbolicamente a tendência de privilegiar certos aspectos e ignorar outro constitui-se num instrumento para se investigar o poder simbólico constituído pelas palavras.

A religião é parte da linguagem simbólica que nos remete ao sobrenatural. Assim sendo, aliada à característica carismática dos líderes religiosos aqui elencados, há que se considerar que muito de sua capacidade de articulação da sociedade, notadamente dos moradores do Bairro América, deve-se ao discurso religioso. Soma-se a este aspecto a histórica articulação entre Igreja Católica e Estado que, a depender do contexto vigente, desenvolveu-se de diferentes formas ao longo da história do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, Riolando. Do amparo aos indigentes ao Serviço Social. IN.: \_\_\_\_; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo. Terceira época (1930-1964)** Tomo II/3-2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 20 – 37.

BISPO, Carlos Augusto L.; FRÓES, Jocélio F. **Estudo do policiamento comunitário na cidade de Aracaju: o caso dos bairros América e Novo Paraíso.** Monografia (Especialização em Gestão Estratégica em Segurança Pública), UFS: São Cristóvão, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer.** 2 ed. 1ª reimp. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Simbólicas.** 1ª reimp. da 6. ed., São Paulo: Perspectiva, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** 16. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

DELLA CAVA, Ralph. Igreja e Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro (1916-64). **Estudos CEBRAP.** São Paulo, n. 12, abr – mai – jun, 1975, p. 06 – 52.

FREITAS, Barbara Sheila G. e. **A ocupação periférica do Quadrado de Pirro: Aribé (1901 – 1931).** Monografia (Licenciatura em História – DHI). São Cristóvão: UFS, 1999.

HOUTART, François. **Mercado e Religião.** Tradução de Claudia Berliner e Renata Cordeiro. São Paulo: Cortez, 2002.

MENDONÇA, Valéria. Bairro surgiu em volta de presídio. **Jornal da Cidade.** Aracaju, 05 mai. 1998. Caderno B, p. 11.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

NASCIMENTO, Isaías. **Dom Távora, o bispo dos pobres: um homem além do seu tempo**. São Paulo: Paulinas, 2008.

NEVES, Paulo S. C. Polícia Comunitária e participação social na segurança pública em Sergipe. **Revista da FAPese**. Aracaju, v. 3, n. 1, p. 87 - 121, 2007.

OLIVEIRA, Valéria M. S. **Movimento Social e Conflitos Socioambientais no Bairro América - Aracaju/ SE: O Caso da Companhia de Cimento Portland de Sergipe (1967-2000)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA), UFS: São Cristóvão, 2008.

PECCORARI, Francesco. As missões populares dos capuchinhos nos sertões baianos nos fins do século XIX. **Cadernos UFS – História**, São Cristóvão, v. 4, n. 5, 2003. p. 53 – 68.

SANTARELLI, Giuseppe. **L'attività dei Cappuccini a Bahia**. Loreto: Edizioni Missioni Estere Cappuccini, 1978.

SANTOS, Elisângela Lima. **Expansão da fé e assistência social dos capuchinhos em Sergipe: caso específico do Bairro América em Aracaju (1961-1984)**. Monografia (Licenciatura em História – DHI), UFS: São Cristóvão, 2008.

SILVA, Severino Vicente da. Vaticano II – o concílio dos desejos. In.: MONTENEGRO, Antônio T. et al. (orgs.) **História: cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008. p. 73 – 94.

TELES, Edvaldo Santos Rocha. A primazia urbana de Aracaju (1940-1970). In.: ARAÚJO, Hélio Mário de. (Org.) **O ambiente urbano: visões geográficas de Aracaju**. São Cristóvão: UFS, 2006. p. 69 – 88.